



Fluctuat nec Mergitur

POLITRECO



Palinuro e Cerebrino órgão de comunicação do Grêmio Politécnico
Escola Politécnica, novembro de 1991 - Ano X - Número 211

PARTICIPE !!

**ELEIÇÕES DO
GRÊMIO
POLITÉCNICO**

dias 18 e 19/11

**vote.
vote corretamente.**

ENTREVISTA

Prof. Dr. Francisco
Romeu Landi,
Diretor da Poli

pg. 6

POLI:

**HISTÓRIAS DA
SUA HISTORIA**

pg. 10

E MAIS:

- A Função da Universidade, pg.3
- Concurso da Orquestra Sinfônica da USP, pg.5
- e muito mais maravilhas, pg. n

Editorial

Esse Politreco, nº211, é um bom modelo do que deve ser o jornal. Entrevista, História da Poli, assuntos da universidade, cultura, textos diversos. Enfim, o jornal cada vez está tomando corpo, seu conteúdo está cada vez mais orgânico, e, por que não dizer, mais interessante.

O mérito pela melhora do conteúdo do jornal é, principalmente, dos alunos dessa Escola. Aqueles que escreveram, que colaboraram, que criticaram e sugeriram. Aos poucos as pessoas percebem que o Politreco não é o "boletim" do Grêmio, nem o jornal de um grupo de amigos, nem mais um jornal da Poli: o POLITRECO É O JORNAL DA POLI. Ele pertence a todos os alunos, e será tão bom quanto for a colaboração dos alunos.

O Politreco não é uma entidade distante que transforma artigos colocados na urna em papel impresso, é uma entidade

viva, tocada por alunos como você, funcionando a todo momento nas salas do Grêmio. Para participar, é só querer.

Voltemos a falar de assuntos urgentes na Poli.

1) Eleições no Grêmio: concluída a inscrição das chapas, tem início a segunda parte do processo eleitoral: campanha e votação. A campanha, infelizmente, será prejudicada pelo pouco tempo hábil. Mas a sua participação, votando criticamente, é fundamental. O primeiro passo para termos um Grêmio que represente bem os alunos é conseguirmos uma eleição com muitos votos. Portanto: analise os programas das chapas e VOTE!

2) Cursinho: a Escola inteira está perplexa diante da posição do diretor da Escola, Prof. Francisco Romeu Landi, que quer que o Cursinho da Poli seja extinto. Vale lembrar: é um cursinho gratuito, man-

tido pelo Grêmio e por empresas patrocinadoras, para alunos que não podem pagar um cursinho comercial. Representantes discentes, centrinhos e professores, além do Grêmio, estão discutindo o assunto para impedir a extinção do cursinho.

3) Reformas Curriculares: está quase pronto o documento dos alunos sobre as reformas curriculares propostas pelos professores. Representantes, centrinhos, Grêmio e aluno voluntários discutiram durante várias semanas e estão redigindo um documento. Será publicada, em 14/11, uma matéria sobre isso no Caderno Cola do Estadão.

4) É isso.

Politécnicos: escrevam para o POLITRECO.

Paulo Blikstein cursa o segundo ano de Engenharia

Em cima da hora!

"O Diretor da Escola Politécnica da USP, considerando os fatos ocorridos durante a prova de MAT-221 Cálculo Diferencial e Integral IV, realizada no dia 17.10.91 e relatados no processo USP nº 91.1.818.45.6, resolve:

Artigo 1º - Suspender em todas as atividades acadêmicas, o aluno JORGE NOBUO AKASHI, nº 1950241, matriculado no Curso de Engenharia de Eletricidade, pelo prazo de 15 (quinze) dias.

Artigo 2º - A suspensão referida no artigo 1º, vigorará a partir de 11.11.91.

Diretoria Acadêmica da EPUSP, em 5 de novembro de 1991"

[O Grêmio Politécnico considera essa decisão muito forte, tendo em vista ser a 1ª vez que acontece com o aluno]

O texto, assinado pelo Diretor Francisco Romeu Landi, foi publicado pela Portaria DIR-099/91

Omkidnapman

Sequestrador

Novamente ocupando o cargo que me é de direito, estou aqui para tecer alguns comentários sobre o nosso mais vigoroso órgão de comunicação: o "POLITRECO".

Primeiramente, alegro-me de ter, novamente, o colega Ademir trabalhando ao meu lado. Continuemos nossa batalha por um POLITRECO mais vibrante.

Iniciemos as críticas com o que aconteceu de bom na última edição.

Encontramos vários pontos positivos na última edição. Um deles foi o BOLETIM DA REPRESENTAÇÃO DISCENTE, que está melhorando a cada edição. Finalmente lavaram a sério a questão de se divulgar o que se faz na RD.

As colocações do Bart Simpson foram muito pertinentes, devemos fazer uma campanha pela legitimidade do "Clark Kent". É bom saber que nós somos lidos.

O artigo "Traços", publicado na última página foi, no mínimo, tocante. Devemos aqui nos curvar à sensibilidade do Editor que não só colocou este artigo em um lugar de destaque como o publicou em seu formato original. Parabéns.

Agora vamos para a parte mais esperada: os defeitos.

Que capa mais absurdamente confusa! O aviso colocado claramente de última hora mesclou-se ao desenho da sinfônica criando um caos visual em que nada se podia compreender.

Além disto, o aviso da convenção no jornal saiu praticamente na mesma hora que o jornal. Deve-se tomar mais cuidado com isto.

As ilustrações estão bonitas, mas, evidentemente, não foram feitas pelo Jessian. Ele tem que justificar seu salário! Basta de marajás no Grêmio.

Sequestrador é sequestrador.



Politreco

Palluro e Cerebrino órgão de comunicação do Grêmio Politécnico



Expediente

O Politreco é uma publicação semanal do Grêmio Politécnico Gestão QUO VADIS

Editor-Chefe:

- Paulo "Blim-Blim" Blikstein, Elétrico

"Staff" do Politreco:

- Alessandro "Maguila" Nery, Químico, DataPoli
- Cid J. Santana, Químico, digitador, repórter
- Guilherme A. Lima da Silva, Mecânico, DataPoli
- Jessian F. Cavalcanti, Elétrico, ilustrador marajá
- Nicholas Alvarus Serrano, Mecânico, DataPoli
- Paulo Blikstein, Elétrico, Editor-Chefe, redator
- Paulo Fernando "Clark Kent" Silvestre Júnior, Elétrico, diagramador, DataPoli, redator, revisor, digitador

Colaboração:

- Ademir P. Santos, Elétrico, Ombudsman-Alfa

- Luciana Bechara Sanchez, Civil
- Newton Gomes Pereira, Produtivo
- Paulo Antunes Veras, Mecatrônico
- Professor João Epifanio Lima Campos
- Rogério "Strezza", arquitetozinho, quadrista
- Sequestrador, Engenheiro, Ombudsman-Beta
- Sérgio Rosenberg Aratangy, Elétrico, presidente do Grêmio Politécnico

Agradecimentos:

- ADUSP
- Ligia
- Jessica
- Júlio Verne
- Júnior Poli Estudos
- Orquestra Sinfônica da USP
- Laboriosos grampeadores do último número
- Vicente de Carvalho (In memoriam)

A Função da Universidade

Newton Gomes Pereira

Muito já ouvimos falar sobre os problemas do ensino superior, e porque somos universitários certamente ainda teremos que dar nossas opiniões em muitas outras discussões. Neste breve artigo, pretendo, portanto, levantar algumas questões que talvez nos ajudem a pensar seriamente no papel da universidade em um país em crise como o nosso.

Antes de tudo, porém, é infelizmente necessária uma palavrinha sobre o mais que surrado debate da privatização das universidades públicas. Acredito que o leitor deva estar saturado desta questão, mas eu prefiro pecar pelo excesso a pecar pela falta e aqui vai meu argumento.

De tempos em tempos aparece alguém propondo a privatização do ensino superior público. Não cabe discutir aqui se tais pessoas são bem intencionadas ou se elas não tem muito o que fazer da vida. O fato é que não são poucos os estudos que mostram que mesmo se os estudantes universitários tivessem condições de pagar as fabulosas mensalidades, estas mal dariam para cobrir a folha de pagamentos das universidades, quanto mais os gastos com pesquisa, manutenção, extensão. Em todo caso, com a privatização a sociedade ver-se-ia livre de sustentar com seus impostos ensino superior gratuito, e o Estado não se veria obrigado a soltar verbas para as universidades, podendo empregar o dinheiro para o investimento na alfabetização, por exemplo.

Mas toda esta discussão tem mais importância pelo que esconde do que pelo que revela. As pessoas que propõe a privatização do ensino público superior

sabem muitíssimo bem que as universidades se tornariam inviáveis economicamente caso fossem privatizadas, porém não há maior falácia do que dizer que o objetivo do Governo é este - inviabilizar o ensino superior. O Governo Collor está preocupado demais em maquinar planos



econômicos mirabolantes e em retomar um discurso terceiro-mundista para perder tempo pensando em Educação. Na verdade, os políticos propõe volta-e-meia a privatização das universidades porque elas mostram de maneira intoleravelmente ostensiva que o Governo falhou fragorosamente com a sua

obrigação de proporcionar ensino público de alta qualidade.

Vivemos no país do analfabetismo, da repetência e evasão escolar, do professorado humilhado com seu salário irrisório. Sequer é discutido o fato mais óbvio - crianças e jovens que passam fome e lutam por um emprego não tem condições de frequentar aulas. Neste

sentido, os políticos que propõe a extinção do ensino superior gratuito pretendem, na verdade, mascarar sua culpa pelo desastre educacional do país. As universidades públicas são frequentadas principalmente por jovens que vieram de ótimos colégios particulares e que agora estudam em uma instituição financiada pela sociedade. Não se procura melhorar o ensino básico, e sim destruir o ensino superior, que é a cristalização do fracasso governamental na Educação. Mas esta discussão é tão infame quanto tediosa, e nas próximas linhas pretende mostrar isto.

Responda rápido: o Brasil merece ter uma boa universidade? A pergunta não é tão estúpida quanto parece. Lembrem-se de que vivemos no país da fome crônica, dos desdentados, dos iletrados, enfim, da miséria sócio-econômica, da miséria política e da pior de todas - a miséria moral. O país que ainda treme com bravatas de militares corporativistas e não tem peito para colocar na cadeia arruaceiros que ousam impedir uma privatização com pedras e pontapés tem o direito de ter uma universidade?

Digo que nenhum país do mundo precisa com tanta urgência de boas universidades como o Brasil. Entendo universidade como o local apropriado para a criação e divulgação do saber, objetivando o ensino, a pesquisa e a extensão de serviços para a comunidade. Porém, a principal função da universidade (e isto é bom deixar bem claro) é ser um centro formador da ELITE intelectual, científica e cultural de que nosso país necessita. Uma elite radicalmente crítica, atuante, que tenha a coragem e a inteligência necessárias para apontar caminhos e lutar por eles. Enfim uma classe de "select men" que não tenha vergonha de ser chamada de elite. Quem é elite no país hoje? Zélia? Gilberto Braga? Marilena Chauí? Fernando Sabino? Meneguelli? Brizola? Collor?

Será que temos mesmo uma elite, ou perguntando de outro modo, será que nossas universidades estão cumprindo com seu dever?

Qualquer pessoa que não mexe os lábios enquanto me lê sabe que um governo que não se preocupa com Educação não sabe o custo da ignorância.

Newton Gomes Pereira cursa o 1º ano Engenharia de Produção

Calculadoras HP



Temos os melhores preços do mercado, além de um bom atendimento. Cobrimos qualquer oferta!

Telefone: 872-9479

UNIMAQ - R. Caraibas, 578 - Perdizes - S. Paulo

**ELEIÇÕES DO GRÊMIO POLITÉCNICO
18 e 19 de novembro - VOTE!**

Boletim da Representação Discente nº 6

Os representantes discentes, com apoio do Grêmio Politécnico, elaboraram um projeto para melhorar radicalmente a informação acadêmica dos alunos. O Projeto tem quatro pontos:

- 1) Todo professor tem que reservar um tempo semanal, previamente acertado com a turma, para atendimento aos alunos.
- 2) Ao início de cada disciplina, todo professor deve entregar uma programação completa do curso: conteúdo e bibliografia de cada aula, material necessário, conteúdo, objetivo, critérios de aprovação.
- 3) Os calouros devem receber uma publicação descritiva de todas as disciplinas do Biênio. Esse "caderninho" traria informações detalhadas sobre cada uma das disciplinas: conteúdo, objetivo, professores, nº de horas, ligação com outras matérias, material didático, bibliografia de apoio. Numa segunda etapa, cada curso deveria ter o seu próprio "caderninho", com as matérias específicas do curso.



4) Divulgação dos dados positivos dos questionários de avaliação, para mostrar aos alunos que tais questionários realmente são levados em conta. A intenção é premiar o bom professor.

Essas propostas, colocadas sinteticamente aqui, foram formalizadas num documento que está sendo distribuído pelos Conselhos e Diretoria da Escola. Evidentemente, as formas de implementação também constam desse documento-proposta.

Sugestões podem ser encaminhadas aos representantes e ao Grêmio, pessoalmente ou por escrito (deixe com a secretária da sala 16 do Biênio, num envelope identificado "Aos representantes discentes/Grêmio")

Não houve nenhuma reunião a relatar desde o último Boletim.

Irani Braga Ramos (Civil), Ro Yung Jia (Elétrica), Paulo Blikstein (Elétrica), Andréa Canizares (Mecânica), Rogério Pedro Pinto (Civil), Luiz Lana (Civil) e demais representantes discentes.

A novela do Cursinho

A novela do Cursinho da Poli continua. O Grêmio Politécnico teve mais uma reunião com o diretor da Poli, Prof. Landi, para discutir a proposta do diretor de acabar com o Cursinho.

Segundo o diretor, a escola só apoiaria o Cursinho se o Grêmio se compromettesse a colocar cem alunos nas melhores colocações da Poli, todo ano. A proposta, evidentemente, é inviável.

As conversas continuam, no sentido de ter o apoio da escola para essa iniciativa louvável.

Vale lembrar: o Cursinho é gratuito e destinado a bons alunos sem possibilidades financeiras de pagar um cursinho comercial. A maioria dos professores são alunos da Poli. Mais de cem alunos já entraram na USP.

Diretoria do Grêmio Politécnico



Troubled by Headaches?

Morte na USP

Rodrigo Chiprauski

Existe alguns motoristas, que fazem das ruas da USP, verdadeiras pistas de corrida, pondo em risco seu patrimônio, e principalmente, a sua vida e a dos outros.

No dia 06.11.91., um aluno da Escola de Aplicação da USP, foi atropelado em frente ao CEPEUSP. No local, há um farol para pedestres que ninguém respeita.

Vale deixar claro, que não foi um simples atropelamento, pois o garoto morreu ao adentrar ao Hospital.

Gostei da atitude dos alunos da Escola de Aplicação, pela manifestação feita no dia 07.11.91., pela manhã, onde estes fecharam duas pistas (nos dois sentidos no local do acidente), com faixas e cartazes, pedindo que nós motoristas, saibamos como nos comportar no trânsito, pelo menos dentro da USP.

Gostaria de parabenizar o Prefeito da Cidade: Universitária, José Geraldo Mascuato e a Segurança da USP, pelo apoio dado.

Rodrigo Chiprauski é marajá

JÚNIOR POLI ESTUDOS

O último evento da Júnior provou, mais uma vez, que os politécnicos não só se preocupam com aulas e conhecimentos técnicos, mas também com o seu futuro.

O 1º WORKSHOP INTEGRATIVO JÚNIOR POLI ESTUDOS trouxe na POLI, dias 30 e 31 de outubro, Andersen Consulting, Gessy Lever, GKW, Petrôbras, Rhodia, Encol, BFB e IBM. Através de stands e palestras, passaram várias idéias para nós: como é a empresa, o engenheiro, o mercado, os programas de seleção e recrutamento e muito mais.

Os benefícios do Workshop não pararam por aí. A JPE vai elaborar um documento, a ser apresentado para a comissão de modernização curricular, baseado nas apreciações das empresas e dos alunos, colhidas durante o evento.

Aliás tem mais um evento, organizado pela Júnior, que promete sucesso: a palestra EUROPA 92, dia 19 de novembro

na sala 244 da Civil. Será abordada a unificação européia em seus aspectos, tais como as expectativas dos países envolvidos, a influência sobre as relações internacionais, as chances do Brasil, o problema da imigração, etc.

Se você pretende trabalhar em multinacionais ou qualquer empresa ligada ao mercado internacional, a palestra será de imenso valor. Contamos com a presença do presidente da Câmara de Comércio e Indústria Franco-Brasileira, Jean Pierre Antherier, do diretor do Instituto de Estudos Avançados, Jacques Marcovitch, e do diretor da Câmara de Comércio e Indústria Brasil-Alemanha, Ingo Plöger. Até lá!

A JÚNIOR POLI ESTUDOS fica no prédio da mecânica, sala MS-8.

Orquestra Sinfônica da USP patrocina concurso

Paulo Clark Kent

Para você, que adora interpretar Mozart, mas nunca teve chance de mostrar ao público seu talento, a **Orquestra Sinfônica da USP (OSUSP)** está lhe dando uma oportunidade imperdível. De 2 a 7 de dezembro, acontecerá, no Anfiteatro de Convenções e Congressos da Universidade de São Paulo, o **Concurso Nacional de Jovens Pianistas e Jovens Violinistas**, dedicado à obra de W. A. Mozart, por ocasião do 200º aniversário de sua morte.

Para participar, o concorrente deve ser brasileiro nato ou naturalizado e ter nascido entre 2 de dezembro de 1966 e 2 de dezembro de 1976. Serão dois prêmios, um para piano e outro para violino. Para o primeiro, Cr\$ 600.000,00 em dinheiro, concerto com a OSUSP na temporada de 1992 e recital na "Boesendorfer Saal", em Viena, na temporada de 1992. Para violino, o primeiro lugar receberá Cr\$ 600.000,00 em dinheiro e concerto com a OSUSP na

temporada de 1992.

A Comissão Julgadora será composta por renomados profissionais e suas decisões serão inapeláveis e irrecorríveis. Na banca examinadora, não participarão professores que tenham alunos inscritos no Concurso.

Os documentos exigidos para inscrição são uma cópia autenticada da Certidão de Nascimento ou da Cédula de Identidade, *Curriculum Vitae*, com informações precisas e verdadeiras, que serão examinadas pela Comissão Organizadora, a qual poderá decidir pela aceitação ou não da inscrição, duas fotos 3x4 e a relação das obras que serão executadas (veja no box sobre as provas).

As inscrições estão abertas desde 15 de outubro e vão até 15 de novembro de 1991, valendo a data de postagem no Correio dos documentos pedidos. Devem ser enviados para Orquestra Sinfônica da USP - Concurso Nacional "W. A. Mozart", r. do Anfiteatro, 109 - Cidade



Universitária - CEP 05508 - São Paulo - SP.

As fichas de inscrição podem ser conseguidas na secretaria do Grêmio Politécnico. Quaisquer informações adicionais poderão ser obtidas pelo telefone 211-0011, ramal 2600, no período da manhã.

Paulo Fernando "Clark Kent" Silvestre Júnior cursa o 1º ano de Engenharia de Física.

Conheça as provas do Concurso

Serão realizadas duas provas para cada instrumento, a saber:

Piano

Prova Eliminatória - Confronto: Fantasia em dó menor KV 475; uma sonata à escolha do candidato, exceto as seguintes: KV 279, KV 282, KV 283, KV 545; uma peça de autor brasileiro, a escolher entre Villa-Lobos, Francisco Mignone e Camargo Guarnieri.

Prova Final: a ser realizada com acompanhamento da OSUSP, um concerto para piano e orquestra, a escolher entre os seguintes: KV 414, KV 415, KV 466, KV 449, KV 271.

Violino

Prova Eliminatória - Confronto: 1º movimento do Concerto em ré maior, KV 218, nº 4; uma sonata para violino e piano à escolha do candidato; uma peça de autor brasileiro, a escolher entre Villa-Lobos, Francisco Mignone e Camargo Guarnieri (para esta prova, o candidato poderá trazer seu pianista-acompanhador ou contar com o acompanhamento do pianista da OSUSP, bastando para isso mencionar sua necessidade no ato da inscrição).

Prova Final: a ser realizada com acompanhamento da OSUSP, o Concerto em lá maior, para violino e orquestra, KV 219, nº 5. (PCK)

OSUSP apresenta maestro convidado

Para aqueles que gostaram da apresentação da Orquestra Sinfônica da USP ou simplesmente não tiveram a oportunidade de vê-la no saguão do Edifício de Engenharia Civil, no dia 30 de outubro, a temporada oficial de concertos 1991 oferece mais uma oportunidade.

A Orquestra voltará a se apresentar no dia 9 de novembro, às 16h, no Anfiteatro de Convenções e Congressos da USP, à r. do Anfiteatro, 109, próximo ao CRUSP. Na regência estará o maestro convidado **Alessandro Sangiorgi**.

O programa apresentará Puccini, "Crisantemi", Camargo Guarnieri, "Toada Triste, Ponteio nº 43, Dança Brasileira", Hindemith, "Trauermusik para viola e orquestra de cordas", tendo como solista Tânia Camargo Guarnieri e Schostakovich, "Kammersymphony nº 8 op. 110 bis".

A entrada é franca. Maiores informações podem ser obtidas pelo telefone 211-0011, ramal 2600. (PCK)

ALUGUE SEUS FILMES FAVORITOS NA LOCADORA DA POLI

PROMOÇÕES ESPECIAIS PARA ALUNOS

LOCAL: Prédio Novo da Administração da Poli

Sala 36 - Piso Superior

De 2ª a 6ª, das 8 às 17 horas

Leve filmes na 6ª e devolva 2ª por apenas uma diária

Sempre os melhores e últimos lançamentos

ELEIÇÕES DO GRÊMIO

18 e 19 de novembro

VOTE!

P O L I T R E C O E N T R E V I S T A



Prof. Dr. Francisco Romeu Landi
Diretor da Poli

O professor-doutor Francisco Romeu Landi, atual Diretor da Escola, é engenheiro mecânico elétrico formado em 1956 na Poli.



Leccionou "Termodinâmica e Máquinas Térmicas" e "Física", antes de essa disciplina passar à incumbência do Instituto de Física. Doutorou-se em Processamento de Plásticos. Após a reforma universitária, lecionou "Conforto", pelo Departamento de Construção Civil. Trabalhou na Vemag, primeira fábrica de automóveis nacional, e numa indústria de condutores elétricos, além de desenvolver atividades de consultoria.

Ainda quando aluno, participou da feitura do jornal "O Politécnico", pai do nosso querido semanário.

O edifício da Administração da Escola, que também abriga o Departamento de Engenharia de Minas, ostenta um espelho d'água com repuxo, onde nadam carpas coloridas. Em sua sala, entre quadros e livros, o professor gentilmente concedeu esta entrevista ao Politreco, no dia 1º de outubro.

Repórter Eça- Quais as diferenças entre a Poli de hoje e a do tempo em que o senhor se graduou?

Prof. Landi- A diferença mais fundamental é que a Poli não tinha a extensão territorial de hoje, com tantos prédios descentralizados. As pessoas todas se conheciam, os estudantes eram mais achegados. Havia uma maior integração. Cada professor conhecia a pesquisa que o outro estava conduzindo. O "espírito corporativista", no bom sentido, era mais forte. Com isso, as atividades estudantis eram mais prestigiadas. A Pauli-Poli era um acontecimento, a Escola em peso participava, que todos se sentiam mais ou menos como uma família. Hoje em dia as distâncias criaram uma série de dificuldades, o Grêmio já não é mais um só - são vários centros que coordenam - e as atividades esportivas são separadas das culturais. Neste sentido mudou bastante a estrutura da Escola.

Eça- O que já foi realizado na sua gestão?

Prof. Landi- Dois propósitos nortearam, foram compromissos de posse: o curso de graduação e a interação com a sociedade. A primeira prioridade da Escola é o ensino de graduação, seu objetivo principal é formar engenheiros. Minha proposta era melhorá-lo, dentro do que eu fosse capaz de fazer. Foi constituída a Comissão de Modernização. É um momento de parada para refletir sobre a estrutura curricular da Unidade e repropor algumas coisas adaptadas a essa realidade. A palavra "modernização" acabou pegando, mas não é que o ensino da Escola não esteja modernizado, ela sempre esteve atualizada no seu currículo. Todas as grandes in-

iciativas de modificações curriculares do ensino de Engenharia no Brasil nasceram na Escola. Na década de trinta, toda a política estradeira que se gerou então precisou de um apoio tecnológico muito grande. No interior do estado, as estradas tinham que definir o curso de ocupação, ser pavimentadas, uma série de complicantes cuja tecnologia surgiu nesta Escola de engenharia, que era a única existente. Quando nos engajamos no projeto energético de construção de barragens, as empresas brasileiras - formadas essencialmente por politécnicos - acompanharam uma única barragem feita pelos ingleses e a partir daí o país foi auto-suficiente. Hoje construiu a maior hidroelétrica do mundo e exporta tecnologia. No país, a indústria automobilística e, mais tarde, a de Informática se viabilizaram porque havia recursos humanos previamente formados pela Escola. Fala-se de automação, que ainda não existe, e já estamos formando os profissionais correspondentes. Quando essa indústria se implantar, vai encontrá-los já no mercado, em condições de empurrar a fronteira do conhecimento.

Eça- Como está a qualidade das aulas ministradas na Escola?

Prof. Landi- Voltando um pouco, eu não completei a pergunta anterior. Queremos parar para refletir um pouco sobre as grandes alterações que a humanidade está sofrendo. A Informática, entrando assim na sociedade, influi - em ensino - na metodologia e no currículo simultaneamente. Novas disciplinas se criaram, a Pesquisa Operacional, a Computação. Essa parada para reflexão gerou outras versões do mesmo problema, como repensar a opção de curso e como é que nós dirigimos o próprio ensino. O leque de tecnologias se abre tanto que não podemos mais criar especialistas e sim indivíduos capazes de se especializarem no futuro, com uma formação o mais sólida e ampla possível.

"No país, a indústria automobilística e, mais tarde, a de Informática se viabilizaram porque havia recursos humanos previamente formados pela Escola."

Eça- E o ensino hoje está assim um pouco especializante demais?

Prof. Landi- Não, mas tem havido uma tendência mundial, neste século todo, para se formarem as especialidades. Mas são tantas que é praticamente impossível de se formar gente para todas elas. Temos que formar engenheiros para "grandes áreas" e deixar que o resto da vida se encar-

regue de especializá-los, segundo as oportunidades e a evolução profissional dos indivíduos.

Eça- Como deve ser o engenheiro formado pela Poli?

Prof. Landi- Isso é um consenso muito grande. Criamos engenheiros com uma formação básica muito boa, fundamentalmente Matemática, Física e as "ciências do engenheiro", que são Mecânica dos Fluidos, Resistência dos Materiais, Eletrotécnica, Termodinâmica... que formam o engenheiro nos seus fundamentos. As disciplinas profissionalizantes são aplicações dessas. Fazemos um empenho muito grande na formação básica. Não queremos um engenheiro capaz de aplicar fórmulas ou de resolver

problemas rotineiros, queremos formar cabeças capazes de dar soluções novas a problemas novos.

Eça- O que são e como se relacionam o Fórum Politécnico, a Comissão de Modernização Curricular e o Projeto Poli 2000?

Prof. Landi- O Projeto Poli 2000 é um "slogan", uma palavra-chave motivante. Temos aí duas experiências muito importantes: 1993, centenário da Escola,

e o ano 2000, virada do século. Isso caracteriza algumas transformações muito pesadas na Escola, que são as violentas transformações...enfim...sociais por que o mundo vem passando. Essas coisas definem um pouco o nosso campo. Que formação deve ter o engenheiro exercendo a profissão com plenitude, no ano 2000? Para isso foi montada essa Comissão, que é institucional, esse é o grande segredo. Tem um representante de cada Departamento, indicado pelos respectivos conselhos, portanto há um compromisso deles de que isso seja bem realizado e bem sucedido. Conseqüentemente o resultado vai ser uma proposta institucional, não de um grupo de pessoas mas uma proposta da Escola. É uma característica importante. O Fórum Politécnico é um instante em que faremos um grande debate entre professores, alunos e ex-alunos, para discutir essas propostas e contribuir para com elas, todos nós, de uma maneira geral.

Eça- Então é assim que os alunos vão participar nesse processo: no Fórum Politécnico?

Prof. Landi- Nós tínhamos pensado numa participação maior dos alunos, que infelizmente não vem ocorrendo. Tínhamos pedido aos alunos que trabalhassem nos centrinhos, pelas comissões de ensino, que discutiríamos com professores dos respectivos Departamentos, preferencialmente os próprios membros da Comissão, mas não necessariamente. O desejável seria que elas trabalhassem junto com os Departamentos, fazendo propostas através destes. Não simpatizo com a idéia de os alunos participarem na Comissão. Não seria uma representação uniforme; precisaríamos, no mínimo, de um aluno de cada Departamento e isso significaria uma Comissão monstruosa, inadministrável. O melhor processo de participação, de resultados, seria a discussão em cada centrinho. Quem tem realmente trabalhado na modernização são os professores da Comissão. Até acho razoável, eles têm a bagagem de décadas de experiência curricular na Escola, gente que conhece



muito bem a profissão. De qualquer maneira, nós nos sentimos muito da participação dos estudantes, eles não têm tido esse envolvimento. No primeiro semestre houve uma reunião onde estiveram o coordenador da Comissão, dois professores da Matemática e o Diretor do Instituto de Física, para discutir o ensino dessas disciplinas para engenheiros. Vi apenas vinte estudantes. Outra reunião aconteceu há pouco tempo, em função de um documento elaborado pela a Comissão elaborou, distribuiu e pediu a opinião dos alunos. Parece que o Grêmio conseguiu montar uma comissão para discutir e levou suas contribuições, mas estavam presentes só trinta ou quarenta estudantes. Isso me preocupa: o porquê dessa falta de motivação do estudante para discutir um problema tão importante como é o ensino de engenharia pra ele.

Eça- O senhor acha que deve ter havido alguma influência talvez do período autoritário nesse desestímulo do estudante no movimento estudantil?

Prof. Landi- Eu noto todo o movimento estudantil retraído. É um reflexo da situação por que o país passa, de perda de credibilidade geral, de o noticiário criar um clima de desânimo... tudo isso é um peso muito grande no estudante. O movimento estudantil perdeu muito, uma perda gravíssima na formação do estudante, que mais que engenheiro tem de se formar como cidadão. E a melhor maneira é discutir, é se envolver politicamente. É se reunir com outras pessoas para discutir temas de interesse social e como o engenheiro se envolve nessas ações, uma vez que a engenharia é a principal arma social de que dispomos - ela é que mexe com o meio ambiente onde as pessoas vivem.

Eça- Como o senhor planeja promover a ascensão funcional, agora que os Diretores têm plenos poderes?

Prof. Landi- Na Escola, não modificamos o sistema. Temos a Comissão de Recursos Humanos, com quatro professores e quatro funcionários que discutem o problema e tentam homogeneizar o mais bem possível a situação. O Diretor procura não influir, não se arroga o direito autoritário de fazer as modificações. Ele leva as decisões da Comissão ao CTA para ouvir alguma contribuição nova, mas o respeito a ela é total.

“Eu vou proibir o trote individual. Todo estudante que for dar trote, desde o mais elementar corte de cabelo até pintura, será punido pela Diretoria da Escola.”

Eça- A Poli é elitizada. Como o senhor vê isso?

Prof. Landi- Bom, acho que existem dois aspectos. Como elitização intelectual, é fundamental. Nós queremos obter as melhores cabeças e preparar esses indivíduos como engenheiros e como cidadãos, para que contribuam para o desenvolvimento da sociedade. Fazemos questão absoluta. Temos a felicidade de ser esta uma escola pública e tradicional, logo a primeira opção na Grande São Paulo. Temos conseguido manter o padrão de ensino, temos um corpo de professores de primeiríssima qualidade e isso garante que os nossos alunos, ao saírem, são os melhores profissionais do país. Esta é a melhor escola

e engenharia do país. Os melhores estudantes com o melhor curso: só podemos obter grandes engenheiros. A elitização financeira é lamentável, mas é uma situação de realidade brasileira. O ensino secundário gratuito de tal maneira se deteriorou que há uma seleção financeira até natural, no caso. Os resultados do vestibular na Escola mostram que 76.5% dos ingressantes vêm de escola particular. É uma defasagem muito grande. No meu tempo a escola pública tinha melhor qualidade que a particular e colocava os melhores estudantes aqui, que passavam sem cursinho. Hoje são poucas as escolas públicas boas. O estudante que hoje é elitizado em conhecimento foi previamente elitizado financeiramente, por origem. Em análise estrita não é um fato a se lamentar. Queremos os melhores alunos, de onde quer que venham. Mas provavelmente nós estamos perdendo socialmente, de maneira irreversível, uma quantidade grande de boas cabeças que não tiveram possibilidade de estudar. Isso precisaria ser revertido, de alguma forma.

Eça- O politécnico é bitolado?

Prof. Landi- Não. Ele é um dos que mais contribuições tem dado em atividades de natureza cultural. O Grêmio Teatral Politécnico foi um dos primeiros na Universidade. Vários cineastas e profissionais de teatro nasceram no GTP. A quantidade de engenheiros que são músicos é muito grande, as atividades culturais e artísticas sempre foram muito atuantes. Temos perdido ultimamente mas acho que a causa disso não é o bitolamento, mas sim a situação a que eu me referi antes, de a Escola ter prédios geograficamente distantes, o que diminui um pouco a interação entre os estudantes.

Eça- Na sua opinião, como deve ser o trote?

Prof. Landi- Deve haver apenas o trote organizado pelas associações estudantis. Eu vou proibir o trote individual. Todo estudante que for dar trote, desde o mais elementar corte de cabelo até pintura, será punido pela Diretoria da Escola. Só aceitaremos o trote dos centrinhos e do Grêmio.

Eça- E se essas associações resolverem cortar cabelos?

Prof. Landi- O trote feito com civilidade é uma oportunidade de integração e alegria, é um momento de felicidade. Se, como associação de classe, os estudantes resolverem fazer isso, eu respeitarei. Mas o trote não deve violar a pessoa física, nem ter conotação de humilhação do estudante.

Eça- Como estão suas relações com o Grêmio Politécnico?

Prof. Landi- Têm sido fracas. As relações do Diretor com o Presidente são ótimas. Mas as relações da Diretoria com o Grêmio não são tão eficientes. Nós não temos tido atividades comuns, uma interação maior... sinto que a Escola Politécnica hoje é formada por estudantes dum lado, professores de outro, ex-alunos de outro... quando nós todos somos politécnicos, em última análise. O que é a Politécnica senão um abrigo para as cabeças que estão aqui dentro? A Associação dos Antigos Alunos não é tão prestigiada como poderia ser. Houve um tempo em que o Grêmio, os estudantes brigavam com os ex-alunos, o que é uma coisa absurda, não tem sentido. E sempre a AAAEP tem prestigiado o Grêmio, tanto que o jantar anual da Associação é para comemorar o aniversário do Grêmio. Ambos foram fundados pela mesma pessoa, também, Alexandre Albuquerque.

Eça- Finalizando, o que o senhor tem a dizer ao estudante da Poli, como diretor da Escola?

Prof. Landi- Bom, aí é complicado, tem tanta coisa pra dizer... Algumas mensagens. Da experiência pessoal, e de outros colegas é o seguinte: aquilo que



a gente não estudou a gente se arrepende depois. Pode-se não sentir um pouco a importância daquele tema no contexto, até por deficiência didática dos professores, que não mostram para o aluno onde é que aquelas coisas se situam. Mas tudo o que é lecionado na Escola é muito importante, é parte da bagagem profissional e o aluno deve estudar. No mundo moderno, a luta é pela competência, que é, em grande parte, um grande número de informações. Associada a outras coisas, perfil psicológico, oportunidade... E o mundo é de competição, no sentido positivo. As lideranças do mundo moderno são as que estimulam os demais. A luta pra se subir na vida pisando nas pessoas do lado é uma etapa vencida do desenvolvimento social. No mundo moderno, o empreendedor se destaca por estar estimulando os demais. Quanto mais gente ele estimula, mais apoio ele vai ter. Não destruir, mas sim cooptar o próximo.

“O aluno deve não se prender a padrões rígidos técnicos, mas se ter uma preocupação social, cultural, artística... para se poder enxergar todo o entorno do problema e se poder discernir, julgar como cidadão, não como engenheiro.”

Acho fundamental a atividade política do estudante. Ele deve ter um engajamento, não partidário - isso não é fundamental -, mas ideológico, pela sua vocação pessoal. Política faz parte do ser humano e se aprende, se desenvolve na universidade, onde se entra adolescente e sai adulto. É uma transformação fundamental na vida dum cidadão. Aqui se formam as grandes amizades, as que perduram por toda a vida. Faço um repto aos estudantes: que formem as suas panelas, as suas amizades, porque é isso o que garante a união dos estudantes, o espírito de corporativismo - no bom sentido, mais uma vez - e a própria sobrevivência das tradições politécnicas. As turmas devem ser unidas, devem comemorar posteriormente esta união, se integrar à Associação dos Antigos Alunos. O não-bitolamento. O aluno deve não se prender a padrões rígidos técnicos, mas se ter uma preocupação social, cultural, artística...

**ELEIÇÕES DO GRÊMIO POLITÉCNICO
18 e 19 de novembro - VOTE!**

Resposta

Sérgio Rosenberg Aratangy

Na última edição do "Informa CEC" temos um editorial um tanto agressivo ao Grêmio e aos seus diretores. Como ele próprio fala, talvez esteja sendo injusto. Ele está. No entanto, ele não se preocupou com isto. Devo dizer que as últimas gestões do Grêmio têm se preocupado sim com os alunos desta Escola, inclusive evitando confrontos com outras entidades representativas destes (apesar das provocações) por acreditar que este tipo de rixa não ajuda em nada aos alunos. Digo também que o editor de tal periódico tem razão ao afirmar que não adianta as pessoas que estão no Grêmio tentarem renovar a entidade sozinhos, é necessária a participação de gente nova, com vontade.

Crítico a forma com que isto se colocou no "informa CEC" pois está bastante destrutivo. Mesmo assim, todo o respeito a uma crítica feita, desde que se possa responder a ela.

Nesta mesma edição do "informa CEC", foi publicado um artigo um tanto curioso intitulado "O Grêmio Politécnico Hoje". Curioso, inclusive porque ele fala do Grêmio Politécnico ontem.

Além disto, aquele artigo continha diversas imprecisões, vários exageros e verdadeiros absurdos.

Vale a pena explicar aqui que os processos trabalhistas foram gerados por erro administrativo da diretoria do Grêmio na época (1982-1983).

Seria bom se, ao invés de ficar fazendo afirmações a esmo, as pessoas que queiram criticar ao Grêmio pesquisassem um pouco mais para não falar absurdos muito grandes.

No artigo, fala-se de um erro que foi publicar um artigo polêmico. Erro por que? Creio que é função do "Politreco" trazer a tona eventuais divergências que surjam entre os diretores do Grêmio, bem como toda e qualquer opinião sobre tudo o que se queira falar; se naquele tempo de "Politreco" não se permitia isto, então, praticava-se a censura (o que não é muito democrático, aliás, condenável).

Concordo com o que o artigo diz em relação a inesperienza dos diretores novatos: ela pode atrapalhar. Mas, com um pouco de boa vontade e algum auxílio de quem está saindo da entidade, isso se contorna.

O grau de desinformação do autor do artigo com relação ao Grêmio é assustador

(principalmente em se tratando de um ex-diretor) pois, não só as chapas têm sido "mistas", como este seu "conselho" (dos centrinhos) para fazer do Grêmio um órgão colegiado foi tentado em 1969 e não me parece que tenha funcionado. Outras fórmulas deverão ser estudadas e, por que não, testadas.

Outro fato cômico daquele artigo é a afirmação da "partidarização" (sic) do Grêmio, exemplificando como tal o ingresso de ex-diretores do Grêmio no DCE, UNE e o Mundo(?); talvez você não só desconheça o que é partidarização (que é o vínculo a um PARTIDO) com Política Es-

tudantil, que pode ser em órgãos de representação como o Grêmio ou o CEC ou a Representação Discente, etc. É muito difícil, hoje, falar em "subir" na carreira política através do DCE, ou UNE, pois eles não têm mais a força de outrora e pouco influem no cenário nacional (ou até mesmo no local).

Portanto, rapaz, se algum diretor do Grêmio, teve coragem de se candidatar à UNE ou ao DCE, ele o está fazendo, não para se promover, mas, sim, para tentar recriar estas entidades que já foram (e talvez voltem a ser) muito importantes para os alunos deste País.

A acusação de "inchaço" do Grêmio e uso deste como cabide de empregos (???) é uma das falas mais esdrúxulas que eu li na minha vida. Desde que nós entramos no Grêmio, a gente tratou de deixar o Grêmio num tamanho administrável e por isso sofremos ferrenha oposição. Nossos funcionários (que são cinco) são: duas vendedoras para a loja, uma recepcionista (que antes era vendedora) que estão no Grêmio há três anos, um boy e um auxiliar administrativo, que foram contratados a cerca de um ano, prestando concurso e passando num processo de seleção (está tudo documentado). Um dos principais fatores que nos levaram a recrutar tais funcionários foi a confiabilidade.

Outra aberração do artigo é falar na Revista Politécnica como a "principal fonte de renda do Grêmio" (sic). Quando? A Revista vinha dando grandes prejuízos ao Grêmio em todas as últimas edições. Não podemos nos

esquecer da crise que este país passa, a Revista implica em custos, não está fácil conseguir anúncios.

Outra afirmação absurda é que a principal fonte de renda do Grêmio seja a inscrição dos calouros. Isto é importante, mas não é, de longe, a maior fonte de renda. A maior fonte atualmente é a lojinha que teve um ótimo desempenho nos inícios de semestres.

Depois de um trabalho de três anos na recuperação econômica do Grêmio, podemos dizer que hoje o Grêmio se encontra numa situação estável, como pode ser visto em nossa avaliação de gestão.

Aliás, talvez seja muito importante que se leia a avaliação desta gestão pois, durante todo este ano evitamos divulgar, via "Politreco" nossas realizações para evitar a acusação de estarmos "usando a máquina", no entanto é chegada a hora de prestarmos contas.

Conversei com o autor do artigo em discussão e ele se prontificou a remeter um pedido de desculpas ao Grêmio, que seria publicado junto com este artigo. Quanto ao artigo, ele disse que não estava realmente falando do Grêmio HOJE, mas sim do Grêmio há alguns anos atrás. No entanto o artigo publicado carrega como título "O GRÊMIO POLITÉCNICO HOJE", como ele pode ter assinado isso sem perceber o absurdo em que ele estava incorrendo? Será que ele falou isso só porque estava na minha frente e quis para assumir suas posições? Ou será simplesmente um grande equívoco?

As acusações que ele coloca no seu artigo são demasiadamente sérias para terem sido publicadas de forma impensada.

Vale a pena aqui fazer um esclarecimento: após esperar por mais de duas semanas pelo pedido de desculpas, nós concluímos que ele não iria remeter tal pedido de desculpas, portanto vamos publicar esta resposta antes da retratação deste elemento que fez acusações tão sérias e tão falsas sem se preocupar com os resultados.

LOJA ÓTICA SUPERVISAO

Fábrica de Óculos - Lentes de Contato

Aviamos receita médica (oculista) em 24 horas.
Endurecimento de lentes com garantia (quebra) de um ano.

Laboratório próprio. Fazemos qualquer tipo de conserto.
Para funcionários e estudantes da Poli, pagamento em até 3 vezes com 15% de desconto.

R. Simão Álvares, 429 - Pinheiros
Tel.: 212-7833



Por que despedi minha secretária

Paulo Antunes Veras

Um executivo explicando a um amigo os motivos pelos quais havia despedido sua secretária:

Há 2 semanas atrás, disse ele, era meu 45º aniversário e eu não estava lá essas coisas, naquela manhã. Dirigi-me à copa para o café, na expectativa de que minha mulher estaria alegre e me diria: "Feliz Aniversário, querido." e teria um presente para me oferecer. Porém, ela sequer me deu "Bom dia", quanto mais "Feliz aniversário". Bem, pensei, esta é a mulher que você merece. As crianças certamente irão lembrar. Mas as crianças chegaram para o café e não disseram uma palavra. Então, quando me dirigia para o escritório, eu estava bastante abatido e desanimado.

Assim que entrei no meu escritório, Janete me disse: "Bom dia, chefe. Feliz Aniversário". Então senti-me um pouco melhor, finalmente alguém havia se lembrado. Trabalhei até o meio-dia, quando minha secretária bateu à porta da minha

sala e disse: "Está um dia tão lindo e como é o dia do seu aniversário, que tal se almoçássemos juntos? Só o senhor e eu".

- Ótimo, respondi.- Esta foi a melhor coisa que ouvi hoje. Vamos embora.



Fomos almoçar no restaurante de costume, porém escolhemos um lugar bem escondido. Tomamos dois martinis e nos divertimos muito.

No caminho de volta para o escritório, ela sugeriu: "Chefe, está um dia tão lindo que eu acho que não devemos voltar para o escritório. O que o senhor acha?"

- Bem, não é realmente necessário.

Então ela convidou: "Vamos até o meu apartamento e lá tomaremos mais um drink."

Dirigimo-nos, então, para o apartamento dela. Saboreei mais um martini e fumei um cigarro, quando então ela disse: "Chefe, você não se importa se eu fosse até o meu quarto e colocar uma roupa mais confortável?"

- Fique à vontade - disse eu.

Ela foi para o seu quarto e decorridos mais ou menos 3 minutos, voltou carregando um enorme bolo de aniversário, seguida por minha mulher e meus filhos, todos cantando "Parabéns pra você". E lá estava eu, sentado na sala, sem nada além das minhas meias...

transcrito por Paulo Antunes Veras, que cursa o 2º ano

Velho tema

Vicente de Carvalho

Eu cantarei de amor tão fortemente
Com tal celeuma e com tamanhos brados
Que afinal teus ouvidos, dominados,
Hão de, à força, escutar quanto eu sustente.
Quero que meu amor se te apresente
-Não andrajoso e mendigando agrados
Mas, tal como é:-risonho e sem cuidados,
Muito de altivo, um tanto de insolente.
Nem ele mais a desejar se atreve
Do que merece: eu te amo, e o meu desejo
Apenas cobra um bem que se me deve.
Clamo, e não gemo. Avanço, e não rastejo.
E vou de olhos enxutos e alma leve
À galharda conquista do teu beijo.

Vicente de Carvalho era santista, poeta e teve seu livro "Poemas e Canções", do qual transcrevemos este soneto, prefaciado por Euclides da Cunha, engenheiro, jornalista e escritor

A LOJINHA DO GRÊMIO É CONTRA A PRIVATIZAÇÃO

preferimos preços subsidiados. Assim é a nossa bombonière, as camisetas, livros, etc...

Prosa Programada Por Professor Para Perturbar Patetas

Prof. João E. Lima de Campos

Prelimrinamente peço paciência. Propositamente (pode parecer patota) procurei preparar prosa produzida por palavras principiadas por "p". Preocupado pelo problema proposto, permaneci parado por pequeno período, pensando... poderei prosseguir? pergunto. Preciso persistir pertinazmente, produzindo páginas provavelmente péssimas, porém perseguindo projeto pré-estabelecido peculiarmente para perturbar patetas. Prossigo, portanto, pacientemente, percorrendo pistas possivelmente perigosas, processo pouco próprio para permitir perfeições perifrísticas. Passando pelo prólogo, parcimoniosamente posto, pretendo, por, princípio pedagógico, providenciar palavras próprias para prosa proveitosa. Pobre português pátrio, profanado por professor psicótico, pisado perversamente por pavoneio parvo!

Paulo Pepe Papini, policial paulistano, primeiramente palestrino, posteriormente palmeirense, profundamente pirado por pelotas, preparava-se para passear pelo parque Pacaembu. Pós pantalonas, pince-nez, penteou-se, pegou pistola parabelum, partiu. Passando pela pizzaria Pisca-pisca, percebeu, penetrando pela porta principal, Pedro Papa Pinto, perigoso pilantra português, perseguido pela polícia pernambucana por publicar

"posters" pornográficos, portar psicotrópicos (pacotes perfeitamente preparados, parecendo pilhas), prostituir pequenas possuídas pelo próprio patife. Para proteger-se, Pedro Papa Pinto procurava passar-se por pastor protestante, preocupando-se pelo povo, pregando pelas praças públicas palavras previamente preparadas, prometendo paraíso para prosélitos. Parecia para pessoas pouco prevenidas, possuir personalidade principesca, pelo porte persuasivo permanentemente presente. Paulo Papini, pegando Pedro pelo paletó, preparou-se para prendê-lo.

-Puxa, protestou Pedro, pense por piedade, precisa prender-me? Pareço, porventura, parasita? Possou pele preta? Porém Papini pouco perturbou-se. Psicologicamente predisposto, pretendia pegar prêmio prometido pela prisão.

-Pare policial pestilento! Ponha-se pela porta, patife piolhento. Parece perchevo perseguindo pobre pelegriño! Preso Pedro, Papini pôde posar para posterioridade.

Preocupado pelo palavreado pereneamente principiado por "p", procurei psiquiatra para prevenir-me, prevendo possível paranóia.

Consultei clínico comprovadamente capaz. Como constatam, consegui curar-me. Cruz credo, como custou!

Histórias da Politécnica

Luciana Bechara Sanchez

A coluna que ora inauguramos deverá trazer toda semana trechos do livro **A Escolas Politécnica da Universidade de São Paulo-histórias da sua história**. A idéia surgiu da minha leitura do mesmo, que aconteceu muito por acaso.

Este livro foi doado ao Grêmio por um diretor e passou a fazer parte do acervo da sua biblioteca. Como necessitava de restauração, fiquei encarregada de tomar as providências. Tendo-os comigo, não consegui resistir a curiosidade de folheá-lo, e descobri quão atual ainda é. Esta obra é interessantíssima!! Conta toda a vida da nossa Escola, desde a sua fundação em 1894.

Para esta narrativa, o autor conta a história de sua passagem pela Escola, o que abre a brecha para se falar de seus professores, histórias curiosas, e fatos engraçados. Encontra-se durante a leitura, atas de reunião, lista de aprovados nos exames de aptidão, e lista de formados, entre outros dados oficiais.

Sobre o engenheiro **Alexandre D'Alexandro**, o autor do livro, é bom saber que cursou a escola entre 1913 e 1918 (lembrando que nesta época eram 6 anos de curso um ano de curso preliminar, dois anos de curso básico e três anos da especialidade); saindo formado em engenharia civil.

A obra está dividida em três volumes e foi publicada em 1943.

Espero que gostem!

Os Novos Cavaleiros

Ouçamos o jovem Alexandre de Albuquerque, como orador da turma de Engenheiros de 1905:

"Senhores.

Antes de partir, um apelo às classes dirigentes do nosso País. No intuito de defender as populações contra aventureiros de toda a espécie são nos países adiantados regulamentadas as profissões científicas.

Procurando defender as populações incautas, as leis protegem mais, e muito mais, aqueles que passam os dias fulgentes da mocidade queimando incenso na ara da ciência.

A classe médica e todas aquelas que dela se derivam mereceram o cuidado dos legisladores brasileiros. Acharam eles impiedade entregar em mãos inhábéis a vida de um homem, e, nem mesmo aqueles que trazem diplomas firmados em Universidades célebres, ou um nome envolto já nas auréolas da glória, deixam de prestar



entre nós as provas que deles se exigem.

Mas não se firmaram só aí as vistas do legislador. Foram mais longe. Só pode empunhar o facho luminoso da Justiça e do Direito aquele que banhou o espírito nas lições dos sábios que honram as nossas velhas academias, berço das mais gigantescas águias que têm esvoaçado no Brasil intelectual.

Resta ainda uma classe cujas escolas superiores se acham espalhadas em muitos recantos do nosso torrão natal, cujos membros sofrem ainda hoje a mais clamorosa das injustiças. É aquela na qual hoje somos armados cavaleiros.

A nós não é dada a glória de retirar das garras da morte a vida preciosa de um homem, nem distribuir a luz astral da Justiça e do Direito.

A nossa missão é outra.

Ora somos o higienista protegendo não um homem mas populações inteiras contra os desvarios da morte.

Ora somos o construtor, estendendo por sobre os abismos das montanhas ou dos rios caudalosos a rede entrelaçada de telégrafos e a linha indefinida de trilhos que, em carreira veloz, uma pede e a outra transporta o médico ilustre para, em longínquas paragens, roubar à morte algum ente idolatrado, ou o advogado célebre para restituir à sociedade o acusado inocente.

Em todos os recantos se manifesta a constante preocupação da engenharia moderna no intuito de prolongar a existência humana. Desde o asfalto das ruas, eliminando o acérrimo inimigo dos pulmões-o pó, até a aguda ponta de aço que no alto das torres rouba, como Prometeu, o fogo do céu, manifesta-se a influência da engenharia moderna.

Sobre nós pesam responsabilidades imensas. As desgraças causadas pelos nossos erros levam o pranto e o luto a inúmeros lares.

Sendo nobres os nossos destinos, grandes as nossas responsabilidades, por-

que as leis brasileiras não protegem aqueles que foram às escolas superiores receber a brônzea armadura de cavaleiros?

Não pese sobre nós a acusação de que desejamos transformar a livre concorrência em monopólio proveitoso à classe que pertencemos.

Não.

Queremos a concorrência franca e leal, queremos nos bater com aqueles que, como nós, têm confiança na têmpera da armadura, no poder da inteligência.

Enormes capitais são gastos anualmente pelos governos nas manutenção das escolas politécnicas. E a estatística mostra que a produção destas escolas é limitadíssima. Consequência da dificuldade dos estudos-dizem todos;-mas é evidente absurdo querer negar à nossa raça aptidão para as matemáticas.

A causa é outra. É que inumeras pessoas que jamais fizeram estudos científicos, ao colocarem os pés na pátria da Liberdade se transformaram nos mais ilustres dos engenheiros, recebendo as honras de tão nobre título. Reunidos aos nossos aventureiros só podem colaborar para o descrédito da engenharia.

Pouca coisa pedimos, ao abandonarmos os bancos da Escola, às classes dirigentes de nosso País.

Queremos que, para honra do Brasil seja regulamentada a profissão do engenheiro. Que não pesem mais sobre nós os erros cometidos por aventureiros ousados que quase sempre se encobrem em diplomas obtidos em certas Escolas que são verdadeiras lojas de mercenários."

Armado para a luta da vida, Alexandre de Albuquerque continuou a alimentar seu sonho. Aos embates, que o contrariavam, respondia ele com novas tentativas.

Um dia a vitória lhe sorriu, posto que parcialmente; foi quando Carlos de Campos, então Presidente do Estado sancionou a lei No 2.022(27 de dezembro de 1924).